

## Deseo y ficción doméstica. Una historia política de la novela

ARMSTRONG, Nancy

trad. Maria Coy. Madrid: Cátedra, 1991,  
301 p.

Há livros que muito prometem no título e, no entanto, suas páginas oferecem ao leitor um sorriso amarelo; há os honestíssimos que se regem pela batuta da descrição e da descrição; mas há ainda aqueles que se põem na vitrine com um nome descritivo, frequentemente referente ao objeto estudado, e a cada página brindam seu leitor com o gozo de conviver com uma talentosa inteligência capaz de propor uma nova interpretação para temas já muito discutidos. Este é o caso do livro de Nancy Armstrong, *Deseo y ficción doméstica*, tradução espanhola de *Desire and Domestic Fiction* (Oxford University Press), que a Editora Cátedra, em colaboração com a Universidade de Valência e o Instituto da Mulher de Madri, colocou nas livrarias espanholas em fevereiro de 1992. Considerando a data de publicação do original – 1987 – e o teor do trabalho, causa estranheza o fato de não ter havido ainda uma repercussão das teses da autora entre a crítica literária, tanto a dedicada aos estudos sobre mulher como aquela voltada para a reflexão sobre o romance.

O núcleo do objeto de estudo de Nancy Armstrong é o arco constituído, fundamentalmente, pela ficção do mundo doméstico produzida na Inglaterra durante os séculos XVIII e XIX. Defém-se na análise de *Pamela* (Richardson), *Emma* (Jane Austen), *O morro dos ventos uivantes* (Emily Bonté), *Jane Eyre* e *Shirley* (Charlotte Brontë) e, para concluir sua reflexão, completa o corpus do trabalho examinando "Fragmento de uma análise de um caso de histeria" de Freud e *Um teto todo seu*, de Virginia Woolf. A autora leva os romances a dialogarem com textos de outra natureza contemporâneos a cada um deles, percorrendo obras filosóficas, manuais de conduta, escritos econômicos ou a teoria da evolução natural de Darwin. Tal debate entre textos sempre se dá em um terreno

firme, construído pelo contexto social em que cada obra se insere, contexto este também tecido de forma extremamente criteriosa. Desse modo, o perfil de cada romance é esboçado como força viva na dinâmica do processo de produção cultural de cada momento histórico.

Não apenas pelo objeto mas também por sua natureza, a reflexão da autora desenvolve-se de modo a transformar em interlocutores dois veios da crítica. Um é aquele constituído a partir de Ian Watt que analisa *A ascensão do romance* (São Paulo: Companhia das Letras, 1990) como um processo diretamente vinculado a uma especificidade da forma literária e à transformação de seu modo de produção e circulação. O romance teria sabido aproveitar o hábito de leitura criado pelo estilo simples dos jornais e pela vulgarização dos textos bíblicos nas camadas médias e baixas da sociedade, teria consolidado seu público leitor, teria posto o livro em uma relação de mercado livre e, veiculando a prosa da vida doméstica cotidiana, teria contribuído para a construção da hegemonia ideológica da nova classe em ascensão, a burguesia.

O outro conjunto de interlocutores de Nancy Armstrong é constituído por tendências da crítica feminista que, tomando os mesmos fundadores do romance estudados por Watt, concentraram-se na análise de um aspecto fundamental que o crítico não havia problematizado, qual seja, a questão do gênero, pois, afinal, esses romances eram lidos por mulheres, frequentemente as colocavam na função de personagens principais e muitos eram escritos por elas. Alguns dogmas dessa crítica feminista vêm abaixo, especialmente aqueles que se vinculam à interpretação da mulher autora ou personagem como vítima: a sociedade burguesa teria trancafiado a mulher na vida doméstica do lar e a teria excluído do espaço público; o romance seria a história da repressão de seus desejos; na escrita, a mulher procuraria compreender e exorcizar uma carência ou rebelar-se contra o silêncio a ela imposto. Confinada, a mulher seria um ser político de segunda classe.

Reconhecendo a importância da crítica feminista, que legitimou a questão do gênero como um fecundo ângulo de análise e incentivou um reexame de todo o conhecimento já constituído, Nancy Armstrong caminha no sentido de considerar os limites de tal proposta e

reexamina o processo de ascensão do romance com outros pressupostos teóricos. Sua perspectiva de análise resulta da combinação de duas categorias sociológicas: a de gênero e a de classe. A partir desse ângulo, a autora refaz o percurso histórico, procurando revelar o quanto a mulher da ficção do mundo doméstico é ativa e como ela representa um importante papel de agente transformador da sociedade. Enfim, o ensaio constrói a mulher como um ser social dotado de grande poder político.

Como breve amostra do modo de composição do ensaio de Nancy Armstrong, pode-se observar o estudo de Pamela, o primeiro romance em que ela se detém e no qual a autora apóia os pilares de sua argumentação. O exame desta obra de Richardson é precedido de um longo e instigante estudo dos manuais de conduta de fins do século XVII e princípios do XVIII, dirigidos para mulheres e, frequentemente, escritos por mulheres. Observando tanto o autor e o destinatário como os conselhos veiculados nos manuais, Armstrong aponta uma mudança fundamental que se teria operado em poucos anos nesses textos: eles haviam deixado para trás o mundo da aristocracia e destinavam-se a um público bastante heterogêneo, como pequenos proprietários de terra e comerciantes, mas que ainda não haviam percebido que poderiam ter interesses comuns a defender, manifestando em outros textos da mesma época um veemente antagonismo. Assim, o ensaio vê nos manuais de conduta o primeiro instrumento ideologicamente eficaz para tirar a aristocracia do centro da cena ao mesmo tempo em que começa a semear sinais da identidade possível das camadas médias da sociedade necessárias à consolidação da hegemonia burguesa. Pamela é analisado em contraponto com esses manuais.

Na escritura de Pamela, Richardson conseguiu fazer uma dupla manobra que assegurava que seu romance não era um romance, no sentido pejorativo da palavra, ainda que fosse efetivamente uma obra de ficção. Colocou as estratégias da literatura dos livros de conduta na moldura da ficção e colocou as estratégias da ficção mais prejudicial – uma narrativa de sedução – na moldura de um manual de conduta. (p.137)

Sem dúvida, Pamela levou adiante a mesma luta para definir a mulher que se travava em todos os escritos que aludissem à necessidade de uma educação feminina e de uma reforma das práticas sexuais. Representada como uma luta entre um patrão e sua criada, Pamela inscrevia essa luta, primeiramente, no lar e, imediatamente depois, na escritura que transformou a

própria Pamela em uma forma especialmente feminina de subjetividade. A diferenciação e o enclausuramento do eu feminino era, antes de mais nada, uma vitória do eu moderno sobre o sistema político que se baseava em um lar governado por um homem e gerido sob seu mandato. Se uma criada podia reclamar a posse de si mesma como sua primeira propriedade, praticamente qualquer indivíduo devia ter, de modo similar, um 'eu' para preservar ou dar em uma forma moderna de relação com o Estado. (p. 147)

Para Nancy Armstrong, Pamela, além de acrescentar uma cláusula sexual ao contrato social, pôs em segundo plano a mulher aristocrática, figura de valores transparentes, tais como riqueza, nome e título, e construiu outro modelo de mulher: aquela que não se pode conhecer pela aparência, aquela que é dotada de subjetividade. Assim, Pamela teria constituído um alicerce fundamental da concepção burguesa de indivíduo. Dessa forma, Armstrong retoma o diálogo com Ian Watt, que havia interpretado a ascensão do romance vinculada à configuração do indivíduo, fundada na legitimação da particularidade da experiência. A esta tese a autora acrescenta uma dimensão fundamental para a noção de indivíduo: a da subjetividade. Nessa medida, a personagem feminina de Richardson assumiria o caráter fundador do homem moderno como ser social.

A partir dessa interpretação do romance, Nancy Armstrong percorre todos os demais textos e postula a necessidade de compreender o papel do homem e da mulher como parceiros igualmente ativos e importantes para a construção e manutenção da hegemonia burguesa nos últimos três séculos, cabendo à crítica o trabalho de esboçar as diversas configurações literárias desse longo processo.

VALÉRIA DE MARCO ■